

A ABORDAGEM EXPLORATÓRIA COMO FORMA DE APRENDIZAGEM NA INFÂNCIA

THE EXPLORATORY APPROACH AS A WAY OF LEARNING IN CHILDHOOD

EL ENFOQUE EXPLORATORIO COMO FORMA DE APRENDIZAJE EN LA INFANCIA

Rochele Maciel¹

Monica Guerra²

RESUMO

O estudo propõe uma discussão sobre a relevância da exploração nas práticas pedagógicas realizadas com crianças. A metodologia proposta neste estudo é revisão bibliográfica baseada em autores como Monica Guerra e John Dewey. Compreendemos que um dos objetivos da educação é tornar as pessoas mais autónomas, promovendo ação transformadora na vida dos sujeitos. As crianças têm características próprias em relação ao desenvolvimento motor, social, cognitivo e afetivo, porque cada uma tem um modo, um modo de agir, pensar, expressar-se, mover-se e interagir com o ambiente em que vivem. Embora sejam exploradores por natureza, necessitam de um adulto, um educador, que compreenda a educação infantil contemporânea, a fim de promover o seu potencial criativo, acompanhando as crianças para explorar, descobrir, estabelecer relações e experimentar situações diferentes às quais podem não estar habituadas na vida quotidiana. A necessidade de mediar a aprendizagem faz nascer a relação das crianças com o conhecimento que envolve simultaneamente a aquisição de conhecimentos e a construção da identidade individual e social, de modo a que as crianças estejam envolvidas no processo de ensino e aprendizagem.

Palavras-chave: aprendizagem; exploração; infância; processos educacionais.

ABSTRACT

The study proposes a discussion about the relevance of exploration in pedagogical practices carried out with children. The methodology proposed in this study is a bibliographic review based on authors such as Monica Guerra and John Dewey. We understand that one of the objectives of education is to make people more autonomous, promoting a transforming action in the lives of subjects. Children have their own characteristics in relation to motor, social, cognitive and affective development, because each one has a way, a way of acting, thinking, expressing themselves, moving and interacting with the environment in which they live. Although they are explorers by nature, they need an adult, an educator, who understands contemporary early childhood education, in order to promote their creative potential, accompanying children to explore, discover, establish relationships and experience different situations to which they may not be accustomed in everyday life. The need to mediate learning gives birth to children's relationship with knowledge, which simultaneously involves the acquisition of knowledge and the construction of individual and social identity, so that children are involved in the teaching and learning process.

Keywords: learning; exploratory-learning; childhood; Educational processes.

RESUMEN

El estudio propone una discusión sobre la relevancia de la exploración en las prácticas pedagógicas realizadas con niños. La metodología propuesta en este estudio es una revisión bibliográfica basada en autores como Monica Guerra y John Dewey. Entendemos que uno de los objetivos de la educación es hacer que las personas sean más autónomas, promoviendo una acción transformadora en la vida de los sujetos. Los niños tienen características propias en relación al desarrollo motor, social, cognitivo y afectivo, que los caracterizan de manera positiva, pues cada uno tiene una forma, una manera de actuar, pensar, expresarse, moverse e interactuar con el medio que viven. Aunque son exploradores por naturaleza, necesitan de un adulto, un educador, que entienda la educación infantil contemporánea, para potenciar su potencial creativo, acompañando a los niños a explorar, descubrir, establecer relaciones y vivir diferentes situaciones a las que quizás no estén acostumbrados en la vida cotidiana. La necesidad de mediar el aprendizaje hace nacer la relación de los niños con el saber, que implica simultáneamente la adquisición de conocimientos y la construcción de la identidad individual y social, de manera que los niños se involucren en el proceso de enseñanza y aprendizaje.

¹ Universidade de Caxias do Sul– UCS – Caxias do Sul – Rio Grande do Sul – Brasil – <https://orcid.org/0000-0003-4524-399X> – rramaciel@gmail.com

² Università degli Studi di Milano-Bicocca – UNIMIB – Milão – Itália – <https://orcid.org/0000-0002-3160-7206> – monica.guerra@unimib.it

Palabras clave: aprendiendo; exploración; infância; procesos educativos.

Submetido para publicação: 9/07/2025
Aceito para publicação: 16/12/2025

INICIANDO A CONVERSA SOBRE APRENDIZAGEM EXPLORATÓRIA

*Educar não é encher um balde, mas acender uma fogueira.
(William B. Yeats)*

A educação é responsável por provocar mudanças nos indivíduos, por meio de uma ação mediada pelo educador com o objetivo primordial de transformar a sociedade. A epígrafe anuncia que a nossa percepção pressupõe que os processos educativos têm impacto na sociedade. Mas será que esses educadores de infância cumprem um papel transformador da sociedade, com a função de sensibilizar as crianças para que se tornem mais autônomas, humanas e produtoras de cultura? Talvez sim, talvez não. A resposta, talvez, seja sim encontrar tentando compreender que a cultura tem um papel importante no processo de convivência, na formação pessoal, moral, intelectual, pois permite não só a socialização das crianças, mas também a discussão dos diversos saberes no ambiente escolar.

Assim, destacamos que um dos objetivos da educação, em nossa concepção, é tornar as pessoas mais autônomas, humanas, profissionais mais reflexivos, comprehensivos e, principalmente, sensibilizados com o ato de educar na infância. Autores como Dewey, Froebel, Montessori, Freinet, Piaget, Vygostki, entre outros, propõem uma forma única de praticar a educação. Dessa forma, as propostas transformadoras desses autores nos devolvem o desejo de expressar formas ativas de agir com as crianças.

Nessa perspectiva, retomamos as afirmações de Dewey (1959, p. 21), ao afirmar que a educação é o processo pelo qual a criança cresce, se desenvolve, amadurece por meio de uma constante reorganização e reconstrução da experiência. Esse processo pode dar forma a uma nova concepção de educação, que para Dewey consiste em educar pela experiência, estimulando a cooperação, a liberdade e a democracia. A experiência, para Dewey (1959, p. 14), não é algo oposto à natureza, pelo qual a natureza é experimentada ou demonstrada. É uma forma de interação, graças à qual dois elementos que nela entram - situação e agente - mudam.

A necessidade de potencializar a capacidade de pensar das crianças torna-se indispensável para sua formação, pois essas relações constituem um universo amplo e significativo para a educação, para a vida. Em geral, a educação de Dewey é uma construção constante de experiência, para dar sentido aos desafios da sociedade. Portanto, educar é mais do

que reproduzir saberes, envolve estimular o desejo de se libertar, sendo a reflexão e a ação componentes essenciais desse processo, para que essa relação transforme a vida social.

As crianças, por exemplo, possuem características próprias em termos de desenvolvimento social, cognitivo e afetivo e cada um tem uma forma de agir, pensar, se expressar, se movimentar e interagir com o meio em que vive. Barbosa (2006), nessa perspectiva, defende que a criança rompa com suas experiências, com a vida vivida até aquele momento, pois a educação nas instituições escolares não se limitaria a questões de natureza intelectual, mas também concerniria à formação de atitudes. Em outras palavras, a educação escolar tem papel fundamental na cultura infantil, pois dispõe de meios organizados para respeitar as características do desenvolvimento infantil e o acesso ao mundo da racionalidade com vistas a serem cidadãos.

Mas como podemos implementar uma visão de educação escolar para nossas crianças contemporâneas? Ou melhor, que educação escolar podemos oferecer aos nossos filhos? Os caminhos possíveis são diferentes. Neste artigo pretendemos discutir, através de uma metodologia de revisão de literatura baseada em autores como Guerra (2019) e Dewey (1959, 1971), a relevância da exploração³ nas práticas pedagógicas realizadas com crianças. Em outras palavras, objetivamos refletir sobre a presença da abordagem exploratória na educação escolar como forma de aprendizagem no contexto da infância. Por isso, utilizamos a definição de abordagem exploratória como auxílio para nosso estudo, conforme Guerra (2019, trad. 2022, p. 77), entendida como

[...] a percepção de algo que nunca foi visto antes e que visa transformar pensamentos em perguntas, trazer à tona hipóteses imprevisíveis antes do encontro exploratório e produzir novos entendimentos e maior consciência ao mesmo tempo.

A premissa dessa abordagem considera a observação e a pesquisa⁴ como princípios fundamentais para as práticas escolares, ou como as crianças alcançam conhecimentos semelhantes de maneiras muito diferentes. Nesta proposta, consideramos a aprendizagem infantil como um processo de construção de novos conhecimentos, desenvolvimento de

³ O termo explorar permite que a criança conheça novas emoções, formas, sons, palavras, movimentos, texturas, gestos, histórias, relações, transformações e elementos da natureza, que a levam a ampliar sua visão de mundo e a interagir com o que que os rodeia. Guerra(2019, trad. 2022) atribui um sentido intrínseco à vida ao conceito de exploração, pois é encontrado em inúmeras áreas e campos do conhecimento.

⁴ Observação e pesquisa são entendidas como um processo sistemático para a construção de novos conhecimentos (Guerra, 2019, trad. 2022). A relação entre o educador e a criança pode traçar caminhos, de modo a mostrar diversas possibilidades de constituir-la no processo educacional para a construção do conhecimento, tanto para a criança quanto para o professor, tornando a criança um sujeito autônomo no processo de aprendizagem, sendo o professor um mediador desse processo.

habilidades, experiências de vida, pensamentos, descobertas, atitudes, informações e assimilações. Portanto, a proposta de ações exploratórias estimula a valorização dos diferentes modos de aprender, oferecendo às crianças a oportunidade de conhecer e compreender os modos do outro.

Já que quem ensina, quem educa hoje não sabe para que mundo está preparando as crianças, trazemos a abordagem exploratória como caminho educativo. Essa abordagem orienta a aproximação das crianças com seus educadores, proporcionando-lhes a oportunidade de vivenciar a realidade, de compreender os princípios da pesquisa. Podemos dizer que a exploração seria uma possibilidade em todos os lugares. Pensando no termo, o sentido do dicionário para a palavra "exploração" significa o ato de explorar. Então é uma ação; explorar não é algo estático, pressupõe um movimento, não necessariamente físico, mas certamente *contínuo*, algo pelo qual nos movemos.

Nesse sentido, a ação é buscar, descobrir, conhecer, pois explorar move o desejo de investigar, de conhecer algo mais que ainda não sabemos, que desconhecemos ou que alguém mantém escondido de nós. Explorar com crianças pequenas pode ser uma forma de fazer pesquisa junto com as crianças, por exemplo, é como embarcar em uma viagem onde você não sabe exatamente onde é o ponto final, mas que você planejou previamente com n intenções sobre o destino.

Podemos ampliar nossa compreensão ao reconhecer que exploração e experiência são dimensões inseparáveis da ação das crianças e da construção de seus conhecimentos. Como afirma Guerra (2019, p. 141), trata-se de uma educação problematizadora, que envolve questionamento, investigação e produção ativa de sentidos. A experiência constitui o ponto de partida das aprendizagens significativas: as crianças aprendem porque experimentam o mundo com todos os sentidos, interagindo com materiais, pessoas e contextos diversos. Já a exploração corresponde ao modo como investigam essas experiências, formulando hipóteses, testando possibilidades e realizando ações diante das oportunidades que o ambiente oferece.

Nesta proposta, destacamos alguns aspectos que se tornam relevantes no trabalho de campo. Mas, primeiro, vamos pensar em como você aprende entrando em uma situação em que personagens fictícios exploram o mundo. Em *A menina do nariz arrebitado*, de Monteiro Lobato, publicado em 1920, no incipit da obra há uma cena em que Narizinho, após almoçar, vai até o córrego perto de casa, deitado na grama, com os olhos pesados. Ficamos em silêncio para deixar o narrador contar a história:

Sente-se oh na grama com a boneca nos braços e seguia as nuvens que cruzavam o céu, ora formando castelos, ora camelos . Já estava adormecendo, embalada pela

agitação das águas, quando sentiu uma comichão no rosto . Ela abriu os olhos: um peixinho vestido de gente estava na ponta do seu nariz (Lobato, 2007, p. 8).

A narração da cena continua. E a curiosidade se manifesta dos dois lados. "O peixinho olhou para o nariz do Narizinho com rugas na testa, como quem não entende nada disso veja". A menina prende a respiração para não assustar o peixe e ver como ele se comporta. Logo outra criatura aparece. Um besouro é descrito da seguinte forma: "um besouro também vestido de pessoa, com casaco preto, óculos e bengala ". O peixe e o escaravelho puxam conversa. Dr. Caramujo, o médico do reino das águas claras, havia receitado o ar do campo:

- [...] Eu vim tomar meu remédio neste prado que é meu bem conhecido, mas encontrei este morro que me parece estranho - e o príncipe bateu com a ponta de seu guarda-chuva na ponta do nariz de Narizinho e disse:
 - Acho que é feito de mármore - observou.
 Os besouros são muito versados em questões de terra, pois vivem cavando buracos. No entanto, o pequeno besouro não conseguiu adivinhar que tipo de "terra" era. Ele se abaixou, se acomodou os óculos no bico, ele examinou Nariz pequeno e disse:
 - Muito mole para ser mármore. Parece mais ricota.
 - Muito escuro para ser requeijão. E mais como rapadura - disse o príncipe.
 O besouro provou a terra com a ponta da língua.
 - Salgado demais para ser rapadura. Parece que antes...
 Mas não acabou, porque o príncipe o havia deixado para ir examinar as sobrancelhas (Lobato, 2007, p. 8).

Narinhas de Narizinho foram interpretados pelos peixes como barbatanas. Sugeriu a Maestro Cascudo que os levasse aos seus meninos para os deixar brincar e transformá-los em chicotes. As narinhas foram concebidas como tocas:

- Que belas tocas para uma família de besouros! - exclamou ele.
 - Por que não se muda para cá, senhor Cascudo? Sua esposa gostaria dessa divisão de cômodos.
 O besouro, com o feixe de nadadeiras debaixo do braço, foi examinar as tocas. Ele mediu a altura com sua bengala.
 - Realmente, eles são ótimos - disse ele. - Só estou com medo de que algum animal peludo possa morar aqui.
 E para ter certeza, ele cavou fundo (Lobato, 2007, p. 8).

A ação fez cócegas no nariz da garota e ela espirrou. A exploração dos investigadores terminou quando o besouro concluiu: "Sim, é o ninho de uma fera, e uma fera espirrando também! Vou embora. Não quero fazer negócios com essa gente" (Lobato, 2007, p. 9).

A cena nos mostra como dois seres agem diante do desconhecido, como agem, exploram para tentar entender o que encontram. Ficcionalmente, são os peixes e o besouro que investigam, imitando o comportamento humano, talvez infantil, e a criança ocupa o lugar aparentemente passivo, mas observa como os animais agem na exploração de seus corpos. Mais uma vez, destaca-se a importância de trazer diferentes experiências para o contexto das

crianças, pois fica mais fácil envolvê-las no processo de aprendizagem, manifestar suas produções e estabelecer relações sociais (Maciel, 2012).

Da mesma forma que o aprendizado narrado pelos personagens, as crianças em situações concretas exploram, ou seja, colocam em prática o que já sabem para realizar o que desejam saber. Em outras palavras, o que eles trazem de suas experiências os mobiliza para a elaboração de novos aprendizados e significados. A mobilização para aprender se dá por meio da ação didática que potencializa o conhecimento que a criança já possui, propondo a aquisição de novos conhecimentos, ajudando-a a desenvolver atitudes de curiosidade e criticidade, com vistas à construção de sua própria autonomia, permitindo-lhe iniciar sua própria trajetória de aprendizagem (Oliveira, 1993). A linguagem, o desenho, a imitação fazem parte da estruturação das suas ações ao nível das representações, mas é através da expressão dos movimentos que essas estruturas se manifestam mais facilmente na sua expressão.

Em suma, ao longo da vida a criança é mobilizada pela família, pelos amigos, pelo ambiente e pela cultura da sociedade. As oportunidades de manifestar diferentes expressões nas práticas educativas facilitam a autocompreensão, o acesso ao conhecimento, a possibilidade de comunicar e criar. E, assim acolhemos as oportunidades que as crianças nos oferecem na vida cotidiana, pois elas apresentam um comportamento inteligente em diversas situações problemáticas.

APRENDIZAGEM NA INFÂNCIA

Quando pensamos no desenvolvimento de uma criança, logo nos vem à mente a noção de evolução contínua ao longo do ciclo de vida, que, no entanto, se dá em diferentes dimensões, como cognitiva, motora, afetiva e social. Isso nos leva a pensar que a aprendizagem se dá por meio da interação social somada às oportunidades de experiências significativas que o sujeito vive.

Temos consciência de que a aprendizagem se dá em diferentes espaços e podemos considerá-la como tudo aquilo que identificamos, compreendemos e nos relacionamos. Novas ideias e informações podem ser aprendidas e retidas à medida que os conceitos se tornam significativos para as crianças. Educar na escola é oferecer às crianças a oportunidade de descobrir e explorar o mundo que as rodeia para desenvolver diferentes competências. Lá há muitas maneiras de proporcionar experiências significativas. Por isso, quando falamos de

conhecimento, entendemos que devemos fortalecer a formação de crianças exploradoras em nosso cotidiano infantil.

As crianças, aliás, são exploradoras por natureza. Quando chegam a algum lugar que não conhecem, seus olhos se abrem para entender e agir. Desde cedo eles querem entender o mundo. Dewey (1959, p. 17) assegura que é precioso ampliar o conhecimento, enriquecer o espírito, dar um sentido mais profundo à vida dia após dia. Mas isso não significa que as crianças pequenas já não tenham as primeiras habilidades que lhes permitem se orientar neste mundo.

Nesta perspectiva, pretendemos compreender melhor as crianças exploradoras, porque têm muito para conhecer e descobrir. Seu olhar é sensível, capaz de se concentrar em pequenas coisas e entrar em diferentes instâncias. Cada experiência apresenta um teste em que há possibilidades contínuas de tentar encontrar uma maneira de entender melhor algo neste nosso mundo⁵. Uma exploração seria uma tentativa de descobrir algo. Em nossa opinião, precisamos introduzir o conceito de ferramenta⁶ em nosso trabalho com crianças. Podemos dizer que é uma ação que surge do desejo de saber algo que não sabemos, mas que queremos saber. Ou, pelo menos, procure saber, e que há necessidade de algumas ferramentas a serem utilizadas para que isso aconteça no dia a dia das crianças.

Como educadores, em geral, nos preocupamos que as crianças façam o seu papel na rotina escolar. Muitas vezes imaginamos projetos com efeitos especiais, glamorosos, extraordinários e novos para eles e para as famílias. Mas talvez não percebamos que as crianças têm outras necessidades e possibilidades do ponto de vista educacional. Por isso o educador, além de ter esse olhar profundo, deve dispor de ferramentas para acompanhar as perguntas que as crianças fazem. Procurar acompanhar, por exemplo, a documentação das experiências, bem como os processos de aprendizagem que as crianças colocam em prática, colocando-se à disposição para ver e ouvir o que antes não tinham imaginado/pensado.

⁵ Para Monica Guerra (2019, trad. 2022), exploração é tomada aqui como referência. Citamos também contributo fundamental dado pela obra da artista canadiana Keri Smith, em particular, pelo seu livro *Como se tornar um explorador do mundo* (2017). A sua pesquisa é um convite a observar em profundidade para reconhecer as inúmeras qualidades presentes em tudo e ao mesmo tempo é a oferta de obras que remetem, entre outras coisas, também ao conceito de "obra aberta", proposto por Umberto Eco (2005): um 'trabalho, isto é, que deve necessariamente ser concluído com a contribuição do leitor. Por extensão, no contexto educacional pode ser lido como um apelo óbvio a oferecer a meninos e meninas "propostas abertas", com instruções altamente interpretáveis e, portanto, potencializando fortemente seu protagonismo e sua especificidade.

⁶ Por ferramenta entendemos a escolha, na execução prática com as crianças, de auxílios para mediar o processo de aprendizagem como a observação, o registro e a qualidade das interações.

É um exercício de pensamento divergente porque, dessa forma, o adulto observa de perto e documenta o que as crianças fazem, muitas vezes. Assim, todas as crianças têm acesso à observação, à pesquisa, ao diálogo, à percepção de outras ações inicialmente imaginadas e ao respeito pelas diferentes formas de se expressar. Por isso, talvez, na atuação pedagógica com crianças nessa abordagem, a “atividade” tenha se tornado um pouco limitada, pois é genuíno as crianças perguntarem sobre a natureza, elas são ativas por si mesmas e não necessitam de alguém para provocá-las. Eles precisam de um adulto que conheça as etapas de seu desenvolvimento, que valorize seu potencial, seu fazer, suas experiências.

APRENDENDO RELAÇÕES COM E NA INFÂNCIA

Então o que nós podemos fazer? Como podemos nos colocar à disposição das crianças? Como acomodar suas possibilidades e diferentes trajetórias de aprendizagem? Alguns caminhos podem ser percorridos de modos distintos, ainda que simultâneos, a partir dos processos de significação construídos pelas próprias crianças. Em um mesmo grupo, cada uma vivencia experiências diferentes, o que estimula percursos singulares: cada criança explora o caminho que, para ela, se revela mais significativo e, muitas vezes, mais prazeroso.

Nesse caso, consideramos que aprendizagem pode ser tudo aquilo que a criança sabe, ou seja, tudo aquilo que ela traz consigo de suas próprias experiências e que mobiliza para desenvolver novos conceitos, novos aprendizados. Entretanto, Ausubel (*apud* Moreira, 1999, p. 77) amplia essa reflexão, utilizando o conceito de aprendizagem significativa como o mecanismo humano por excelência para adquirir e armazenar a grande quantidade de ideias e informações representadas em qualquer campo do conhecimento. Assim, o significado que a criança internaliza atuará em suas competências e habilidades para a construção de novos conhecimentos.

Articular experiências na infância requer a ideia de um educador que saiba transformar as ações de *pensar em necessidades* para provocar *possibilidades*, tentando ampliar as interações, as relações e seus caminhos lúdicos (Fortunati; Zingoni, 2016, p. 70). Nessa perspectiva, o professor oferece à criança não uma programação definida de ações, mas um caminho para seguir com o sentido rumo às experiências pedagógicas.

Oferecer oportunidades de aprendizado no cotidiano das crianças é proporcionar a elas inúmeras possibilidades e ferramentas, pois é o adulto quem tem a responsabilidade de saber acolher no contexto o que não foi previsto ou mudar o que foi imaginado. É neste ponto, portanto, que fica claro que a abordagem exploratória não é um momento inicial de

experiência, mas é a própria experiência de pesquisa que crianças e adultos fazem juntos todos os dias (Guerra, 2019, trad. 2022). Sob essa perspectiva, importa sublinhar a importância da forma como o adulto escolhe estar próximo da criança, partilhando o interesse pelas experiências que as crianças estão a ter, oferecendo palavras quando não as têm e ajudar com delicadeza, tentando encontrar caminhos que possam ampliar sua busca, mas sem ser invasivo. É um adulto que acredita que a educação é um território de pesquisa, partilhado entre adultos e crianças e que cria contextos significativos em termos de métodos, possibilidades e linguagem contemporânea. É por isso que se disponibiliza de forma a que cada espaço seja verdadeiramente uma rica oportunidade para as crianças, cujas inteligências e tendências são muito diferentes, encontrarem algo particularmente interessante para cada uma.

Nesse processo, a escuta e o diálogo se potencializam nas experiências pedagógicas com pesquisa. Rinaldi (2016, p. 235) caracteriza a escuta como busca de significados, ou seja, as crianças buscam pontos de referência em suas vidas: família, escola, lugares que frequentam, eles atendem. Por trás do ato de ouvir, geralmente existe curiosidade, desejo, dúvida, interesse, há sempre alguma emoção. Aprender uns com os outros, viver um diálogo cheio de trocas é experimentar o conhecimento de um objeto através de outros sujeitos, é aprender através da interação. O diálogo no processo educativo é uma prática que diz respeito à humanização (Freire, 1996). Por meio dessa troca dialógica, na qual se encontram diferentes hipóteses e relações dos alunos, eles aprendem a ouvir e, portanto, a aceitar, comparar e respeitar o outro.

Em *Reinações de Narizinho*, a menininha imita a menina exploradora que cria para si a possibilidade de exploração e aprendizado. Além da boneca, diz o narrador, “[...] outro encanto da menininha é o riacho que corre nos fundos do pomar” (Lobato, 2007, p. 7). A menina cria uma forma única de se relacionar com os elementos presentes neste espaço natural: “Todas as tardes Lúcia pega a boneca e vai passear perto da água, onde se senta na raiz de uma velha árvore ingá para dar farelo de pão para os lambaris” (Lobato, 2007, p. 7). E nesta “diversão”, porque observar e aprender é uma forma de se divertir, Lúcia mantém-se absorta até à chamada de um adulto. Na ficção, a menina é protagonista de sua experiência no sentido deweyano, em que há uma conexão entre a realidade externa e o pensamento, em que o ser está em processo e a experiência se dá no continuum.

Não é só na ficção que a criança pode estar no centro. A possibilidade dela estar no centro da programação está fundamentada no parecer CNE/CEB n. 20/2009 que orienta as diretrizes nacionais para o currículo da educação infantil - DCNEI. O documento refere-se à

criança como guia de programação, sublinhando a importância de os professores terem em consideração as especificidades e interesses dos grupos etários,

[o conhecimento científico hoje disponível nos autoriza a acreditar que desde o nascimento a criança tenta dar sentido à sua experiência e, nesse processo, volta-se para o conhecimento do mundo material e social, ampliando gradativamente o campo de suas curiosidades e inquietações, de dos materiais, espaços e tempos que organizam as situações de aprendizagem e das explicações e significados a que tem acesso] (Brasil, CNE/CEB, 2009).

Temos percebido essa urgência de trazer para as escolas as questões que, por meio da mediação, promovem situações que visem a autonomia e o aprendizado na construção do conhecimento. Dessa forma, caminhamos para uma educação integrada, colocando a criança em uma realidade que ela aprenderá por meio da pesquisa, questionamento, comparação e não apenas reprodução de conhecimento. O trabalho pedagógico baseado em pesquisa é um exemplo de situação em que as crianças são protagonistas de seus processos de aprendizagem (Ramos; Wilmsen; Maciel, 2019).

Proporcionar às crianças oportunidades de situações de aprendizagem em seu cotidiano significa oferecer-lhes inúmeras possibilidades e ferramentas, assim como cabe ao adulto saber aceitar no contexto o que não foi previsto ou modificar o que foi previsto. A observação contínua por parte do educador desse processo de exploração é fundamental, pois gera hipóteses e através delas o educador se aproxima da experiência que a criança está vivendo. A esse respeito, vale ressaltar a importância de como o adulto escolhe estar próximo da criança, ou seja, como compartilha o interesse pelas experiências que as crianças estão tendo, de oferecer-lhes palavras quando não têm e de ajudá-las delicadamente, tentando encontrar formas de ampliar suas pesquisas, sem ser invasivo (Guerra, 2019, trad. 2022).

O texto lobatiano que tomamos como exemplo, procuramos uma figura adulta que assume o papel de estar ao lado das crianças e lembramos de Dona Benta que traduz termos empoeirados e sem sentido para as crianças:

A moda de leitura de Dona Benta era boa. Ele lia "diferentemente" dos livros. Como quase todos os livros infantis do Brasil são muito enfadonhos, cheios de termos da época da onça ou usados apenas em Portugal, a boa velhinha leu traduzindo aquele português morto para a língua brasileira de hoje. Onde havia, por exemplo, "lume", ela lia " fogo "; onde estava " lareira ", se lia " varanda ". E sempre que se separava com um " botou -o" ou " ate -o", lia "botou ele", " ate -o" - e ficou duplamente interessante (Lobato, 2007, p. 2007. p. 106).

A abordagem exploratória precisa de um professor que se vista como Dona Benta, que entenda a educação como um território de pesquisa, compartilhado entre adultos e crianças e

que crie contextos significativos em termos de métodos, possibilidades e linguagem. Cada momento do encontro pode ser uma rica ocasião para as crianças viverem momentos intensos.

Neste cotidiano, mais do que conhecimento, crianças e professores vivem a conquista de novos saberes, estando atentos a este ser em exploração conjunta, potenciando a investigação. A pesquisa como forma de aprendizagem talvez seja a mais importante de todas (na) e (para) aprendizagem, pois estamos acostumados a realizar atividades que preencham o espaço e o tempo das crianças no cotidiano escolar. O maior presente, porém, que podemos dar às crianças não é ensinar-lhes algo que tenha respostas certas, porque isso tem um “prazo de validade”. Até que as verdades científicas sejam analisadas e muitas vezes refutadas por novas pesquisas. Um presente da educação infantil seria apoiá-los para que cheguem curiosos a cada nova etapa e possam continuar pesquisando. Se não sabemos que tipo de mundo eles encontrarão, devemos, no entanto, fornecer-lhes ferramentas que lhes permitam pesquisar, sentir este mundo e tentar entender como se orientar nele.

FINALIZANDO A REFLEXÃO

À luz do diálogo de aprendizagem exploratória, a aprendizagem é parte integrante da essência do mundo e é fundamental para o desenvolvimento de si mesmo, dos outros e do meio ambiente. A partir da relação das pessoas com o ambiente, entendemos que o ser humano não está preso a um ambiente específico, mas que existem diferentes possibilidades de aprendizado e adaptação nesses contextos.

Para sobreviver nesta realidade, é preciso apropriar-se desta realidade, literalmente agarrá-la, torná-la sua. É uma realidade que preexiste em cada um de nós e confronta a nossa experiência com todas as suas objetivações (linguagem, regras, instituições, tradições, objetos materiais, etc.) que constituem o ponto de referência para a ação de todos. Como sujeitos conscientes, para nos tornarmos atores sociais, capazes de estar no mundo com competência, somos chamados a enfrentar essa realidade para torná-la nossa. Assim, outras aprendizagens nada mais são do que a maneira particular pela qual a experiência do sujeito se relaciona com o mundo e com os outros.

Viver e relacionar-se, são verbos considerados essenciais à vida e desencadeiam mudanças de hábitos, atitudes, ideias e sentimentos. A educação infantil promove a integração do indivíduo ao meio em que vive, pois, olhar para as expectativas da criança oferece ferramentas para estimular e desenvolver suas potencialidades, auxiliando na superação de

limites. Então, o que precisamos entender e colocar em prática as afirmações de Dewey? O que significa explorar em contextos e experiências? Durante as discussões podemos encontrar respostas e entender que depende de nós mesmos, pois temos que atender com curiosidade, criatividade e afetividade. A relação com o outro é, portanto, fundamental na educação das crianças contemporâneas.

É necessário, portanto, repensar as propostas oportunizadas no contexto escolar e refletir sobre a possibilidade de empreender uma educação que busque conhecer as múltiplas aprendizagens das crianças e como estas se desenvolvem para a construção de diferentes significados nas relações. Por isso, durante as discussões, procuramos deixar claro que a criança é o ponto central do processo de ensino e aprendizagem, assumindo a criança como o centro do processo de aprendizagem, para ser a gestora de sua própria história.

Uma escola que busca oferecer uma educação exploratória à criança desenvolve competências e habilidades e não relaciona sua proposta de educação infantil apenas a prédios, salas, lousas, horários, grades horárias e conceitos. A pré-escola é antes de tudo uma integração entre estudo, alegria, conhecimento, brincadeira, relacionamento interpessoal e construção de valores. Quando as crianças são introduzidas no mundo do conhecimento sistematizado, elas são mobilizadas a pensar sobre isso, e o papel da escola seria oferecer-lhes ferramentas para compreender as mudanças do mundo, tornando-as capazes de participar delas (González; Schwengber, 2012).

A infância no mundo contemporâneo deve estar interligada e em constante movimento de acordo com a sociedade em que vive, de forma a se complementar e atingir seus objetivos quanto ao desenvolvimento intelectual, físico, emocional e social das crianças. Cabe aos educadores compreenderem a infância, o ambiente escolar, o potencial criativo e ensinar as crianças a descobrir, explorar, construir relacionamentos e vivenciar diversas situações às quais não estão acostumadas no cotidiano. Ou seja, estruturar uma relação dialógica e interativa, na qual adultos e crianças pequenas constroem, juntos, sentidos e aprendizagens.

Nesse sentido, vamos além das visões cristalizadas na cultura de nossas sociedades, ainda muitas vezes presas a uma didática obsoleta que concebe a educação das crianças por meio de atividades totalmente dirigidas ou que baixa o ensino sobre uma quantidade indistinta de letras e números e outros conteúdos escolares. A mediação da aprendizagem configura-se na relação com o conhecimento, envolvendo simultaneamente a aquisição de saberes e a construção da identidade individual e social e envolvendo as crianças neste processo. Aprender

é também ter a capacidade de desaprender para reaprender e por isso mudar continuamente, porque ao aprender adquire-se uma bagagem cognitiva de elevadas competências sensíveis ao meio envolvente, que é parte integrante da descoberta, exploração e vivência do caminho em que nos relacionamos com o mundo, dando vida a rotinas e esquemas interpretativos que privilegiam o comportamento e a capacidade de adaptação à realidade. Essa composição e recomposição ocorre através da parte sensível e perceptiva e cognitiva e conceitual.

Para finalizar, é fundamental reforçar que o adulto – o educador, o professor que atuam na Educação Infantil – são sujeitos intencionais, conscientes de seu papel sabendo que é possível explorar em todos os lugares, saber onde estão as coisas em seus contextos de origem, saber onde as coisas nascem e onde elas existem, amplificando-as, e destacando a relação entre objeto e contexto, numa perfeita relação sistêmica e complexa que favorece o desenho de conexões (Guerra, 2019, trad. 2022, p.194). Assim, compreendendo simultaneamente que diferentes formas de aprender têm impacto na qualidade da educação. Educar com uma abordagem exploratória implica compreender e atuar no ambiente que habitamos (Guerra, 2020). E educar as crianças envolve acender pequenas fogueiras que permanecem acesas.

REFERÊNCIAS

1. BARBOSA, Maria Carmen Silveira. **Por amor e por força:** rotinas na Educação Infantil. Porto Alegre: Artmed, 2006.
2. BRASIL. Ministério da Educação. PARECER CNE/CEB no 20/2009 de 11 de novembro de 2009. **Diretrizes Curriculares nacionais para a Educação Infantil.** Brasília: Conselho Nacional da Educação. Câmara de Educação Básica. nov. 2009.
3. DEWEY, John. **Esperienza ed educazione.** Trad. Anísio Teixeira. San Paolo: Editore Nazionale, 1971.
4. DEWEY, John. **Vita e istruzione. I Il bambino e il programma scolastico. II Interesse e impegno.** Trad. Anísio Teixeira. 7. ed. São Paulo: Melhoramentos, 1959.
5. ECO, Umberto. **Obra aberta:** forma e indeterminação nas poéticas contemporâneas. São Paulo: Perspectiva, 2005.
6. FORTUNATI, Aldo; ZINGONI, Sara. Provocar com oportunidades as experiências. In: FORTUNATI, Aldo (org.). **A abordagem de San Miniato para a educação das crianças:** protagonismo das crianças, participação das famílias e responsabilidade da comunidade por um currículo possível. San Miniato: Centro di Ricerca e Documentazione sull'Infanzia La Bottega di Geppetto, 2016. p. 68-78.

7. FREIRE, Madalena. **Observação, registro e reflexão.** Instrumentos metodológicos I. 2. ed. São Paulo: Espaço Pedagógico, 1996.
8. GONZÁLEZ, Fernando Jaime; SCHWENGBER, Maria Simone Vione. **Educação Física:** Espaço, Tempo e Corpo. Erechim: Delbra , 2012.
9. GUERRA, Monica. **As mais pequenas coisas:** Exploração como uma experiência educacional. São Carlos: Pedro & João, 2022 (ed. orig. 2019).
10. GUERRA, Monica. Nel mondo. **Pagine per un'educazione aperta e all'aperto.** Milano: FrancoAngeli, 2020.
11. LOBATO, Monteiro. **Reinações de Narizinho.** 47. ed. São Paulo: Brasiliense, 2007.
12. OLIVEIRA, Marta Kohl. **Vygotsky:** aprendizagem e desenvolvimento, um processo sócio- histórico. São Paulo: Scipione, 1993.
13. MACIEL, Rochele R. Andreazza. **Linguagem poética e corporal.** Caxias do Sul: Educs, 2012.
14. MOREIRA, Marco Antônio. **Teorias de Aprendizagem.** São Paulo: EPU, 1999.
15. RAMOS, Flávia Brochetto; WILMSEN, Lilibth.; MACIEL, Rochele R. Andreazza. Pesquisando com crianças na Educação Infantil. **Nuances: Estudos sobre educação, Presidente Prudente**, v. 30, n. 1, 2019. DOI: <https://doi.org/10.32930/nuances.v30i1.6655> Disponível em: <https://revista.fct.unesp.br/index.php/Nuances/article/view/6655>. Acesso em: 08 jun. 2025.
16. RINALDI, Carla. **Diálogos com Reggio Emilia:** escutar, investigar e aprender. 3. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2016.
17. SMITH, Keri. **Como ser um explorador do mundo.** Museu portátil de arte viva. Portugal: Editor Planeta, 2017.